

PRÁTICAS SOCIAIS DA VIDA COTIDIANA: o processo comunicacional em perspectiva dialógica¹

KESKE, Humberto Ivan

Doutor, Professor do Centro Universitário FEEVALE
humberto@feevale.br

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta a revisão de alguns pressupostos da obra bakhtiniana no que concernem às noções de enunciação, sujeito e dialogismo. Retrabalha as questões ligadas à produção do sentido e da significação de um determinado enunciado a partir de uma perspectiva interdiscursiva e social, onde o significado realiza-se através de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos. Problematiza o processo comunicacional enquanto construto renovável que se dá em signos e através de signos.

Palavras-chave: Enunciação. Dialogismo. Sujeito.

1 INTRODUÇÃO: DAS FALAS ENUNCIATIVAS

Repensar o processo comunicacional tendo como ponto de partida alguns dos pressupostos bakhtinianos inevitavelmente nos leva a rever a importância desses termos para os estudos midiáticos, uma vez que a relação estabelecida entre o eu (individual) que se realiza no outro (coletivo) de uma determinada sociedade, está na base do processo de emissão e recepção de qualquer enunciado. Para tanto, essa atitude resposiva ativa, termo utilizado por Bakhtin (1997), levará em consideração, além do enunciado propriamente dito, a maneira como está sendo apropriado pelos sujeitos falantes em uma situação concreta específica, para a qual concorrem toda uma gama de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que possuem ligação direta com o sujeito enunciador e seu contexto circundante. Tais aspectos interferem no processo de significação desse enunciado, seja de caráter interpessoal ou massivo, que será expresso através de diferentes linguagens e suportes midiáticos.

Bakhtin incompleto! Bakhtin completo! Começamos com este jogo de palavras, uma vez que a obra bakhtiniana tem como fio condutor a concepção dialógica da linguagem, que faz interagir antagonismos, diferenças, oposições e interações no interior mesmo da palavra, sempre perpassada pela palavra do outro. O Bakhtin incompleto alterna a sistematicidade de um discurso eminentemente científico, com a espontaneidade das práticas culturais e comunicacionais da vida cotidiana. Recusa, de antemão, qualquer orientação teórica que o conduza a alguma interpretação unidirecional, linear, fechada, cristalizada e fixada por um saber anterior. Busca o novo; o que é vivo; o que é móvel; o que é imperfeito; o que está continuamente aberto ao eterno devir; o que está incompleto. Por ser incompleto; completa-se.

Por outro lado, além de procurar desenvolver estudos específicos em áreas ligadas à Lingüística e à teoria literária, o pensamento bakhtiniano manteve contato com múltiplos aspectos do saber filosófico, fenomenológico, biológico, psicológico, matemático, entre outros, e que acabaram por deixar marcas em diversos de seus estudos, apontando para uma reflexão muito mais ampla acerca da linguagem como a

que até então vinha sendo desenvolvida por Saussure (2000) a partir do Curso de Lingüística Geral. A postura fundamental de Bakhtin (1997) frente ao grande tesouro da humanidade que a linguagem representa é a de articular diversas matrizes de pensamento, levando a cabo uma reflexão dialógica acerca da natureza interdiscursiva, heterogênea, interativa e, sobretudo, social, como condição imperiosa e própria desta linguagem. Este é o Bakhtin, “completo” na “incompletude” dos seus saberes; trata-se de um pensador inacabado; buscador incansável do conhecimento; completo em si mesmo.

Nestes termos, em Marxismo e filosofia da linguagem, Bakhtin e Voloshinov (1997) seguem na contramão dos estudos lingüísticos até então desenvolvidos: não percebem a língua unicamente como objeto, nem tampouco procuram discriminá-la em unidades mínimas até o estabelecimento do significado contido na frase. Para eles, o objeto das Ciências Humanas e Sociais está centrado no texto, percebido em seu sentido pleno, como um conjunto coerente, mas heterogêneo, de signos que vão da musicologia à história das artes plásticas; da sociedade à ideologia. Em última instância, a preocupação dos autores reside no homem produtor de textos de uma determinada cultura. Ou seja, o homem representa essa determinada cultura, através dos textos que produz, ao mesmo tempo em que está representado por ela.

Não sendo mais a língua o objeto de análise das Ciências Humanas e Sociais, mas sim as inter-relações desse homem e do contexto que circunda esse homem com a língua da qual se apropria, Bakhtin e Voloshinov (1997) desenvolvem duas grandes orientações críticas ao pensamento filosófico-lingüístico então vigente: a primeira, chamada tese do subjetivismo individualista de um lado, e, de outro, a chamada segunda orientação, a do objetivismo abstrato, em cuja vertente encontram-se os seguidores da Lingüística saussureana. Vamos nos deter mais demoradamente em comentar alguns dos aspectos dessa segunda orientação.

Em linhas gerais, a orientação do chamado objetivismo abstrato, de vertente saussureana (Saussure, 2000), percebe a língua como um sistema de normas fixas e imutáveis; como um “objeto” ideal, centrado unicamente em sua forma individual, completamente externo à consciência individual dos falantes. Bakhtin e Voloshinov (1997), ao contrário, vêem a língua (sistema) em permanente evolução, sofrendo modificações profundas oriundas do coletivo, deixando de ser percebida como manifestação unicamente individual e imanente, para transformar-se em um evento de natureza social. Por isso, diz Yaguello que: “a fala está indissociavelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (1997, p. 14). A partir disso, Bakhtin propõe uma lingüística da fala, onde a

língua, por ser compartilhada por um coletivo de indivíduos, transforma-se em um bem-comum social, cujas transformações lhe são inerentes, refletindo as variações sociais que, fundamentalmente, são regidas por leis externas ao próprio sistema.

Como contraponto, Bahkin e Voloshínov (1997) colocam que a preocupação do falante reside no uso da língua para a resolução de suas necessidades enunciativas em um determinado contexto concreto (enunciação da fala); e não na sua normatização enquanto sistema fixo e imutável. “O sistema lingüístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 92). O que realmente interessa ao falante, como sujeito da comunicação humana, não é a conformidade à norma da forma utilizada (sinal), que permanece sempre idêntica a si mesma, mas sim, a nova (re)significação, sempre variável e flexível, que essa forma pode adquirir no contexto concreto particular de cada enunciação. Este é o ponto de vista do locutor; é o sentido próprio que ele quer dar ao signo, impregnado de uma nova qualidade contextual. Por estas razões, Bakhtin e Voloshinov (1997) fazem a diferenciação entre o processo de decodificação (compreensão) do signo em sua mobilidade específica, do ato de identificação (reconhecimento) do sinal lingüístico. Ou seja, o signo é decodificado e o sinal é identificado. Sendo o sinal uma entidade de conteúdo imutável, transforma-se apenas em um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto.

Entretanto, a partir dessas reflexões, há de se levar em consideração que os autores não querem negar a importância das formas lingüísticas no interior de uma dada enunciação, mas sim, reconfirmar que a relação/distinção entre sinal/signo é, sobretudo, de complementaridade/correlação, ou melhor, de interação, para utilizarmos o seu modo de falar. Os aspectos semânticos, reiteráveis e sempre iguais a si mesmo em qualquer situação em que se dá um determinado enunciado, é parte inseparável, fundamental e constitutiva da significação que este enunciado adquire.

Como as formas lingüísticas se apresentam aos locutores no contexto de enunciações precisas, este contexto, para Bakhtin e Voloshinov (1997), será sempre ideológico. Segundo eles:

Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 95).

Diferentemente do posicionamento adotado pelos objetivistas abstratos, a língua é inseparável de seu conteúdo ideológico ou concernente à vida. Sobretudo, Bakhtin e Voloshinov (1997) reafirmam que a língua está relacionada às motivações da consciência do locutor, não podendo receber um estatuto particular, no qual se separe a forma lingüística vazia de ideologia (sinal), dos seus fatores ideológicos e vivenciais (signos da linguagem). Tratar a língua enquanto “sistema” é percebê-la unicamente através de um olhar abstrato, muito distante da consciência dos indivíduos que propriamente dela se utilizam. Sobretudo, a prática da comunicação social é dinâmica e viva, sendo impossível decompor seus elementos, isolando-os artificialmente das unidades reais da cadeia verbal representada pela espiral infinita de suas enunciações.

Nestes termos, nas visões e revisões lingüísticas sob o olhar bakhtiniano, o próprio estudo da enunciação amplia-se: deixa de estar voltado para uma enunciação monológica isolada, mas passa a ter “um” “outro” “sentido”, que se realiza em um outro lugar, que não o restrito ao estudo imanente no interior da enunciação. Seus “limites” tornam-se difusos, deslizam, complexificam-se, dialogam. Inclusive, na concepção bakhtiniana, “todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica constituem um todo que é ignorado pela reflexão lingüística. Esta, na verdade, não ousa ir dos elementos constitutivos da enunciação monológica. Seu alcance máximo é a frase complexa (o período)” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 104). Tal perspectiva leva-os a afirmar que a enunciação como um todo não existe para a lingüística.

Ao contrapor a univocidade da palavra, conforme salientada pelo objetivismo abstrato, à pluralidade de suas significações, os autores colocam que:

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 106).

Essa contextualidade não está em um único e mesmo plano, mas sim, em uma alternância de planos contextuais. Uma mesma palavra, por exemplo, tomada em relação ao sentido e à significação que se quer estabelecer, pode aparecer em dois contextos dialógicos mutuamente conflitantes e excludentes. Deste modo, “os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e conflito tenso e ininterrupto”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p 107).

Assim sendo, os autores fazem dialogar os aspectos obviamente sistemáticos da

linguagem, como a gramática e os significados relativamente fixos das palavras, necessários para qualquer entendimento entre falantes, com os contextos não-sistematizáveis, heterogêneos e articuláveis em que co-ocorrem essa mesma linguagem. Desencaixa o significado de uma palavra; da própria palavra. Entre eles, percebem universos constantemente interpretáveis à mercê das constelações avaliativas de seus locutores. Cada enunciação torna-se maravilhosamente única; entretanto, jamais poderá ser considerada como individual, no sentido restrito do termo: a enunciação é, sobretudo, de natureza social.

2 RELAÇÕES DIALÓGICAS: DO SIGNO, DAS IDEOLOGIAS, DAS LINGUAGENS E SUAS

(RE) SIGNIFICAÇÕES

O termo dialogismo surge no contexto do Circulo de Bakhtin por volta de 1928 e 1929, para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes inseridas em um determinado campo histórico e social. Este inesgotável diálogo entre signos e, principalmente, entre “sistema de signos”, quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob esta ótica, explica Roncari a respeito de Bakhtin:

Dialogia foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto não por um universo dividido entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas como um universo composto de signos, do mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os enunciados mais complexos, como a obra de um grande pensador como Marx, cujos valores e significados não eram dados e estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis. (RONCARI, 1994, p. X).

A própria noção de signo, como se percebe, transforma-se na arena do permanente cruzamento entre estes dois planos: o da infra-estrutura, que através da economia dá suporte a toda a sociedade; e o da superestrutura, entendida como as normas sociais, políticas, culturais, etc., que formam a estrutura ideológica da sociedade. Como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma modificação na língua. Nestes termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo sentido pleno emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

Preocupado em evitar mal-entendidos, Faraco (2003) procura esclarecer qual o

sentido que a palavra ideologia adquire nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin.

A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia marxista). (FARACO, 2003, p. 46)

Como se percebe, o termo ideologia não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no entorno teórico marxista, mas sim, como área de expansão da criatividade intelectual/cultural humana. Os produtos e artefatos elaborados por tais áreas do conhecimento humano, e, principalmente, pela imprevisibilidade que a criação artística acarreta, não podem ser estudados desconectando-os da realidade concreta que os abriga. Este é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao do termo.

Assim sendo, os signos são intrinsecamente ideológicos, isto é, criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todo e qualquer signo e todo e qualquer enunciado, nesta concepção, estão localizados na essência profunda de uma determinada dimensão ideológica (arte, política, Direito, etc.), e sempre comportam uma determinada posição avaliativa: “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”. (FARACO, 2003, p. 47). O estudo das ideologias, na nomenclatura bakhtiniana, expande-se para a busca da compreensão da noção de valor, intrínseca no próprio ser humano. A noção de dialogismo se refere, então, à dinâmica do processo semiótico de interação das vozes sociais, que se interpenetram, colidem, encontram-se, desencontram-se, dispersam-se e agrupam-se em torno do todo social no qual subsistem e a partir do qual compõem novas mutiplicidades dialógicas.

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (FARACO, 2003, p. 48).

À semelhança da noção de ideologia, a metáfora do permanente diálogo, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria noção de diálogo. Conforme Faraco (2003), os

membros do Círculo de Bakhtin não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face, momento em que ocorrem as réplicas e trélicas comunicacionais.

Diálogo também não diz respeito a algum instrumento a que o próprio Bakhtin recorre para abordar determinados aspectos do real. A noção de dialogismo deve ser entendida como uma espécie de sistema filosófico, suficientemente capaz de abranger, com um olhar compreensivo/responsivo, o Ser do Homem e as suas formas inusitadas e imprevisíveis do fazer cultural. Não haveria outro modo de Bakhtin explicitar esta interação infinita e permanente senão com a metáfora do eterno diálogo que permeia todo o universo semiótico que nos assiste e do qual somos parte constitutiva.

Qualquer processo ideológico (criativo em Bakhtin e Voloshinov) estará sempre envolvido com uma determinada posição axiológica, que estará sempre em correlação com outros pontos de vista criativos. O universo da criação ideológica é o universo das significações. Torna-se incompreensível, nestas circunstâncias, o caráter monológico das enunciações, uma vez que todo o sistema dialógico conspira contrariamente. Por estas razões, gerou-se, como que de si mesma, a metáfora do permanente diálogo, onde todas essas vozes sociais se entrecruzam de maneira multiforme, ao mesmo tempo em que também vão se formando novas vozes sociais. Dito de outro modo trata-se de um eterno movimento, repleto de encontros e desencontros de significações a refazer-se.

Pelo signo, o mundo inteiro transforma-se em matéria significativa, formada pela inserção das mais diferentes matrizes axiológicas de seus interpretadores. O signo dialoga com uma realidade que lhe é interna (lingüística), ao mesmo tempo em que se extravasa para uma situação externa (contextual). Ainda que se valha dos signos em seus aspectos internos, em termos de sinais lingüísticos, o olhar do poeta sobre o mundo, por exemplo, jamais será repetitivo e idêntico a si mesmo. O sinal se realiza no signo.

O signo, conforme compreendido pela proposta bakhtiniana, não somente descreve o mundo, mas dele participa! É através desse mesmo mundo que adquire seu movimento, sua dinâmica, recebendo contribuições da História e dos grupamentos humanos em suas vivências, em suas multiplicidades, em suas heterogeneidades constitutivas. A experiência individual passa a ser a experiência coletiva. Mais uma vez, Bakhtin e Voloshinov (1997) fragmentam o “sistema” língua em detrimento da língua viva, pois sempre haverá algo da subjetividade trazido “para dentro” do signo e da própria linguagem. Trata-se da contemplação de um sujeito coletivo.

Nesta perspectiva, todo o enunciado já traz em si uma resposta que não quer calar-se em uma compreensão passiva, em uma mera decodificação de uma mensagem. A compreensão será sempre um processo ativo que lida com o continuamente renovável construto enunciativo. E responder é, antes de tudo, a possibilidade de responder a um signo por meio de outros signos. Sendo o problema da significação um dos mais difíceis da lingüística, conforme colocado pelos autores em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1997), no capítulo dedicado ao Tema e significação na língua, o aspecto responsivo do enunciado somente adquire sentido a partir do contexto em que está sendo proferido.

3 DA INSTAURAÇÃO DO SENTIDO E DA SIGNIFICAÇÃO

Ao procurar refletir sobre a (re) constituição e (re) instauração de um outro conceito de língua, ampliado e diferenciado do que vinha sendo estudado pela lingüística, Bakhtin e Voloshinov (1997) esboçam os fundamentos de uma teoria do conhecimento, aglutinando no interior da língua os problemas e as questões relacionadas aos sujeitos e às suas realidades concretas circundantes. A partir desta perspectiva, a enunciação bakhtiniana assume contornos essencialmente sociais, e passa a interagir com os demais fatores que habitam o universo (re) criado e (re) significado pela linguagem do homem.

Nestes termos, eles se interessam em desvendar de que maneira se produz o sentido e a significação de um dado enunciado; ou seja, de que forma a palavra pode ser significada em sua plenitude. Para tanto, faz a diferenciação entre a noção de tema e significação, partindo da questão inicial de que:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu tema. O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 128).

Como se percebe, esta unidade da enunciação proposta pelo autor é sempre uma combinação de elementos verbais com aspectos não-verbalizados, pressupostos pelo emissor e pelo destinatário de um processo comunicacional. Tal pressuposição ocorre, principalmente, através dos não-ditos comunicacionais: enquanto diálogo, muitas “falas internas” desenvolvem-se com um mínimo de verbalização. Esta noção de tema da enunciação em Bakhtin e Voloshinov (1997) “é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou

sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 128).

Enquanto significado global que confere unidade à enunciação, a noção de tema é caracterizada pela transitoriedade, uma vez que é apropriada unicamente ao momento da proferição e a nenhum outro. É único e irreprodutível. Em outras palavras, “o tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua plenitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 128). Por outro lado, no interior silencioso do tema, a enunciação também é dotada de uma significação, que se refere aos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. O exemplo trazido pelo autor é o da elocução [Que horas são?] que possui uma aceção diferente cada vez que é proferida, produzindo, conseqüentemente, um tema diferente, que depende da situação particular em que é expressa e da qual faz parte.

Como se percebe, a relação entre tema e significação na língua é de complementaridade e de mútua interação: a noção de tema apóia-se sobre certa estabilidade da significação, sem a qual as palavras perderiam o seu sentido, em uma espécie de livre-escolha significativa. Sendo parte, a significação está para o todo; ou melhor, realiza-se nesse todo, do qual faz parte. Bakhtin e Voloshinov (1997) reiteram que se abstrairmos por completo essa relação com o todo, que é a própria enunciação em sua plenitude, perderíamos a significação. É por estas razões que considera não haver uma fronteira clara entre tema e significação.

Fundamentalmente, o que está sob a distinção entre tema e significação para os autores relaciona-se à questão da compreensão ativa e passiva da enunciação. Em outras palavras, a compreensão passiva, típica dos filólogos, exclui qualquer atitude responsiva, justamente por isolar a palavra e tratá-la como sempre idêntica a si mesma (forma dicionarizada). Neste sentido, os autores argumentam que “qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de outro processo evolutivo”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 131).

Novamente, está aí colocada a metáfora do diálogo, onde cada termo do processo enunciativo, em cada particularíssimo instante de cada enunciação, já requer, por si só, uma localização contextual ativa e responsiva. Ou seja, compreender é dialogar. A partir desta plenitude significativa que “não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence

a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 132).

Deste modo, Bakhtin e Voloshinov (1997) repensam as questões ligadas à produção do sentido e da significação de um determinado enunciado a partir desta perspectiva interdiscursiva e social, onde o significado realiza-se através de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos. Ou como explica Brait: “procura explorar a idéia e centrar a discussão de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta, no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 2001, p. 77). Assim, enfatiza a necessidade de observação da instância articuladora e relacional que se dá entre a história, o tempo particular e o lugar de geração do enunciado, com a seqüência de envolvimento intersubjetivos que de algum modo se ligam e tocam àquele enunciado.

Por tais razões, Bakhtin e Voloshinov (1997) defendem a idéia de que este redimensionamento da significação, com a reinstauração inusitada de sentidos, ocorre, fundamentalmente, a partir da inter-relação entre a significação já presente em cada palavra (significado semântico – valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo), e a apreciação ou valor apreciativo realizado pelo sujeito (fala viva) em processo de interação com outros sujeitos e com a situação social circundante (contexto enunciativo de seu proferimento). O nível mais evidente e ao mesmo tempo mais superficial deste acento de valor contido em cada palavra se manifesta através da entonação expressiva conferida pelos sujeitos às palavras. “Sem acento, não há palavra”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 132).

De real importância em um processo comunicacional, diferentes “falas” podem se constituir a partir de uma mesma e única palavra, que pode apresentar significados completamente diferentes graças à entonação expressiva que é dada no momento de sua proferição. Como se percebe, a palavra em si, no dizer dos autores, constitui apenas um suporte da significação, uma vez que “o tema, que é a uma propriedade de cada enunciação, realiza-se completa e exclusivamente através da entonação expressiva, sem ajuda da significação das palavras ou da articulação gramatical”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 134).

Por estas razões, os autores creditam à apreciação o papel criativo nas mudanças de significação onde, fundamentalmente, essa transformação sofrida pela significação é uma reavaliação: ou seja, o deslocamento de uma determinada palavra de um contexto apreciativo para outro. Esta competência avaliativa dos partícipes do

processo de comunicação e de suas interações com o contexto em que se dá o enunciado, relacionado ao poder emocional-volitivo que coloca o objeto/palavra/enunciado em movimento, através de determinado julgamento realizado pelo falante, passam a ter papel fundamental no processo de significação. O som adquire valor, e passa a ser significante e constituinte da própria noção de significação. Neste constante processo reavaliativo, nada permanece estável:

É por isso que a significação, elemento abstrato e igual a si mesmo, é absorvida pelo tema; é dilacerada por suas contradições vivas, para retornar, enfim, sob a forma de uma nova significação, com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. A significação é sempre provisória. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 136).

Em outras palavras, a enunciação bakhtiniana engloba, ao mesmo tempo em que assume para si, esta constante mediação, esta intersecção das enunciações dos sujeitos falantes e ao contato, “nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”. (BRAIT, 2001, p. 79). Transbordando de seu local gramatical “original”, digamos assim, na forma fixa (dicionarizada) através da qual inicialmente expressava um determinado significado, um enunciado qualquer termina por realizar sua plenitude significativa na interação social que é dada pelo contexto (particularmente particularizado) a ser atualizado e pelo tom ou acento de valor dado a cada expressão em uma situação específica. Tal particularidade leva o autor a refletir, fundamentalmente, sobre a formação do sujeito social e historicamente constituído.

4 DAS COMPLEXIDADES DOS SUJEITOS SOCIAIS

A noção de sujeito, na proposta bakhtiniana, está envolvida com a própria natureza constitutivamente dialógica da linguagem, remetendo à permanente interação entre o eu e o outro discursivos. O sujeito bakhtiniano é deslocado de seu centro e passa a habitar uma determinada “periferia” coletiva, onde dialoga com as diferentes vozes sociais de seus pares. Trata-se, na verdade, de um sujeito concreto e real que, contextualizado em seu espaço-tempo social-histórico e ideológico, localiza-se no mundo. Como se percebe, a noção fundamental que emerge da subjetividade bakhtiniana é o espaço interacional entre o eu e o tu; ou entre o eu e o outro no interior do texto, que vai requerer uma atitude responsiva ativa entre os parceiros da comunicação verbal.

Nestes termos, o discurso bakhtiniano vai se orientar para uma terceira pessoa; para um outro, que, inserido em um contexto particular, vem reforçar a influência das

forças sociais organizadas sobre o próprio modo de apreensão do discurso. Trata-se de um processo compreensivo responsivo ativo circular que remete, fundamentalmente, à dinâmica da inter-relação dos indivíduos envolvidos com alguma corrente de comunicação verbal. Este “eu” bakhtiniano é, então, constituído pelas palavras do outro; é visto através dos olhos do outro; realiza-se no outro; no interior mesmo desse outro. Trata-se do permanente diálogo entre um “eu” que, por sua vez, não é solitário, mas solidário com todos os “outros” que com ele interage; e com todos os demais que ainda estão por vir...

Assim sendo, este outro bakhtiniano, que é compreendido e significado em uma determinada situação concreta, e que, longe de ser individual, dialoga com uma pluralidade de outros sujeitos e fatores/valores, remete a um “nós”, que é a própria esfera constituinte desse social-coletivo-ideológico, localizada em uma determinada comunidade ou grupo, no qual ocorre todo esse processo. Com isto, o que se quer ressaltar aqui é o comum; o comunitário; o comunicacional. O “eu” bakhtiniano se realiza no outro que, por sua vez, dialoga com o “nós”, representado pelo coletivo, conforme já referido. Por estas razões, Bakhtin e Voloshinov (1997) insistem no papel do outro na instauração do sentido de um determinado enunciado, para o qual sempre haverá a perspectiva de uma outra voz que dialoga com a nossa, ao dialogar com o mundo. O sujeito bakhtiniano é relacional, e aparece justamente na/da mediação entre o eu-outro dialógicos.

Transposições à parte, nossa palavra já não mais nos pertence, pois já traz em si as marcas deixadas do contato com esse outro. Entre o enunciador, o enunciatário e o contexto circundante, interagem sistemas de valores continuamente renováveis, que participam da construção dialógica do sentido.

Assim sendo, e retomando a discussão inicialmente proposta acerca da relação entre textos e contextos significantes aplicada ao processo comunicacional, a abordagem bakhtiniana do enunciado, compreendido como a unidade da comunicação verbal, se caracteriza pela alternância dos sujeitos falantes que se realiza, justamente, no diálogo real, onde “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva”. (BAKHTIN, 2000, p. 294). O locutor torna-se ouvinte; o ouvinte transforma-se em locutor.

O dialogismo, condição constitutiva do sentido no discurso, estará sempre em função da atitude responsiva ativa desse outro, inserido em um dado coletivo que é entendido pelo autor como o espaço onde a comunicação é negociada em uma multiplicidade de interações significativas que conferem plenitude concreta e viva à

língua. Dito de outro modo, o “nós” somente ganha força, verdade, legitimidade através do diálogo com este espaço real, social, ideológico, contextual, coletivo que representa e (re) apresenta diferentes significações à medida que é (re) enunciado. A natureza dialógica da linguagem, conceito central no pensamento bakhtiniano, por ser vivo, ainda está em aberto.

Ao propor o primado do diálogo sobre o monólogo, Bakhtin e Voloshinov (1997) constataam esta incapacidade do sistema lingüístico descritivo, lógico e auto-excludente de contemplar a verdadeira natureza da enunciação. O foco da enunciação, isolado, abstrato e reproduzível transfere-se para o outro, para o lado das formas vivas, mutáveis, particularíssimas e, sobretudo, adaptáveis, de cada enunciação. Sob a ótica do dialogismo, a própria noção de texto adquire contornos diferenciados, sendo percebido de uma forma bem mais ampla: mosaico multicolorido composto por uma infinidade de peças em movimento, cujo “destino” interpretativo se constitui em um campo de estudos ainda em formação.

Extrapolando seu local de “origem”, enunciar, na visão bakhtiniana do termo, é colocar a vida em movimento, tornando-a comum. Comum, por sua vez, adquire os contornos do “comunicar”; de tornar comunicativa toda a vida; por ela mesma. Bakhtin (1998) vê “tudo em constante comunicação - a comunicação como fundamento de toda a cultura e, mais ainda, da própria vida” (CLARK e HOLQUIST, 1998, p. 12). Transformada em situação comunicacional, a vida dialógica das enunciações estará dependente e interligada ao contexto social da qual emerge e para a qual acabará confluindo. A enunciação em Bakhtin é a unidade fundamental não mais do estudo da língua (sistema), mas da comunicação (processo) como um todo, que se dá no e pelo social, manifestando-se com a linguagem, através dos sistemas de signos.

Social practices of daily life: the communication process in perspective dialogic

ABSTRACT

The present work has as proposal the revision of some presupposed of the bakhtinian workmanship in that they concern to the notions of enunciaton, subject and dialoguism. It reworks the jointed questions to the production of the sense and meaning of an enunciated determined one from an interdiscursive and social perspective, where the meaning is become fulfilled through a complex set of factors, of subject in acts of speaks, intertexts, interdicts, of not-said. It troubles the communicational process while renewable construct that it is given in signs and through signs.

Keywords: Enunciation. Dialogism. Subject.

Práticas sociais de la vida cotidiana: el proceso comunicacional en perspectiva dialógica

RESUMEN

Este trabajo tiene como propuesta la revisión de determinados supuestos de la obra bakhtiniana en lo que dicen respecto a los conceptos de enunciación, sujeto y dialogismo. (Re)trabaja cuestiones relacionadas con la producción de lo sentido y de la significación de un determinado enunciado desde una perspectiva ínter discursiva y social, donde el sentido se lleva a cabo a través de un complejo conjunto de factores, de sujetos en actos de habla, de ínter textos, de interdictos, de no dichos. Problematiza el proceso de comunicación como un constructo renovable que ocurre en signos y a través de signos.

Palabras claves: Enunciación. Dialogismo. Sujeto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail & VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARRACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

CLARK, Katherina e HOLQUIST, Michel. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

RONCARI, Luiz. Prefácio. In: PESSOA DE BARROS, Diana Luz, FIORIN, José Luiz. (orgs) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. Revista Ensaios de Cultura. São Paulo: EDUSP, 1994, nº. 07.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

YAGELLO, Marina. *Bakhtin, o homem e seu duplo*. In: BAKHTIN, Mikhail & VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹ Texto originado a partir do Projeto de Pesquisa intitulado: **Paisagens culturais: estudo das representações, das narrativas e dos imaginários do cinema gaúcho**, contemplado com Bolsa PIBIC - CNPq/FEEVALE - 2008.